

## PERFIL

## A guerra continua

Nasce um novo e excelente dramaturgo com *Às Vezes Neva em Abril*. A peça de João Santos Lopes está em cena no Teatro Aberto

PEDRO DIAS DE ALMEIDA

Parece inofensivo. Mas depois de se assistir à sua primeira peça, em cena no Teatro Aberto, Lisboa, até meados de Julho, percebe-se que João Santos Lopes, 38 anos, pode ser perigoso. «Quis escrever algo que fosse cruel, duro e incómodo, que obrigasse as pessoas a interrogarem-se e a reflectirem», diz. Conseguiu cumprir esses objectivos com *Às Vezes Neva em Abril*, um texto sobre o racismo, a intolerância e a consequente violência, em que a geração dos filhos dos portugueses que combateram na Guerra Colonial é a personagem principal. «A guerra continua aqui», diz um deles.

Com uma linguagem violenta arrancada ao quotidiano juvenil das zonas suburbanas e uma tensão permanente no ar, *Às Vezes Neva em Abril* gera um inevitável desconforto na plateia que, no entanto, fica desde o início presa ao enredo. A força desta peça é tanto mais surpreendente

## JOÃO SANTOS LOPES

Filho de operários, inconformado com o seu «fatídico» destino de operário, deu a volta à vida. Cursou Sociologia, está a concluir o mestrado e escreveu a peça porque, por mero acaso, viu um anúncio no jornal

quanto ela é uma primeira obra, fruto de alguns acasos.

## DE OPERÁRIO A ESTUDANTE

Em Fevereiro de 1997, João Santos Lopes folheava distraidamente um jornal quando viu o anúncio do Grande Prémio de Teatro Português da Sociedade Portuguesa de Autores/Novo Grupo. «Tens aqui a tua oportunidade, agora mostra o que vales, faz qualquer coisa», disse para

os seus botões. Tinha apenas um mês e meio para concorrer. Escreveu, então, em cerca de duas semanas, *Às Vezes Neva em Abril*. «Detesto dizê-lo, é de um pretensiosismo horroroso, mas sempre tive a certeza de que ia ganhar», confessa hoje, timidamente.

A escolha do tema não foi casual. Apesar de ninguém da sua família mais próxima ter vivido nas antigas colónias ou participado na guerra, João cresceu sem-



JOSE JOAQUIM SA

## O ÓDIO

Num grande pavilhão de madeira, à beira duma linha de comboios, quatro jovens mantêm sequestrada e aterrorizada uma rapariga negra. Todos têm nomes com referências bíblicas: Gabriel, João, Paulo, Pedro, Rafael e Madalena.

A encenação no Novo Grupo fazia parte do prémio que distinguiu a peça *Às Vezes Neva em Abril*. João Lourenço assumiu a encena-

ção, até porque o tema da violência racista tem um significado muito forte para si — ele assistiu ao espancamento mortal, no Bairro Alto, de Alcindo Monteiro por um grupo de skinheads.

O resultado em palco surpreendeu o próprio autor, João Santos Lopes: «Quando vi a cena da violação pela primeira vez, fiquei muito impressionado. Ao escrevê-la nunca pensei

que, em palco, fosse tão intensa.» Mas João Lourenço bem o tinha avisado: «Você escreveu uma peça muito forte e de grande violência.»

No final, não se vislumbra uma ponta de esperança nem uma solução. Não há bons e maus nem vítimas inocentes. O cepticismo do autor explica esse tom amargo: «Não sou nada optimista em relação a uma coexistência pacífica de raças e credos.»

Os actores (José Jorge Duarte, Paulo Oom, Catarina Matos, Pedro Laginha, Philippe Leroux e Ricardo Afonso) contribuem para a atmosfera realista e assustadora da peça, na qual o real se cruza com alguma ficção. «O lado da teoria de conspiração geral de que se fala na peça é ficcional. A sociedade portuguesa não está minada a esses níveis», diz o autor, deixando finalmente no ar um pouco de optimismo...

A PEÇA  
Os actores contribuem para a atmosfera realista e assustadora do texto e da encenação





## ► A GUERRA CONTINUA

pre em ambientes suburbanos onde as tensões sociais são, ainda hoje, claras. Nasceu em Alhandra e vive em Alverca. «Os meus pais eram operários e eu, como a esmagadora maioria dos jovens de Alhandra, seria também operário, numa espécie de inevitabilidade histórica...»

Mas não aceitou que o seu destino fosse traçado sem que ele tivesse uma palavra a dizer. Começou a trabalhar aos 16 anos, como aprendiz de serralharia. «Nunca tive nenhum estímulo dos meus pais para estudar. O que era importante naquele meio era aprender um ofício e começar cedo a trabalhar. Para os grupos operários, a imagem da escola ainda hoje está muito desvalorizada.» Mesmo assim, João era bom aluno. Estudava pouco (preferia andar na rua e jogar à bola...), mas escrevia bem e assimilava facilmente as matérias. Estudando à noite, permaneceu 14 anos na mesma fábrica para onde entrou aos 16, fazendo os mais diversos ofícios — tudo «coisas completamente desinteressantes». Até que um dia decidiu que já bastava.

### PURA INTUIÇÃO

«Sempre achei que podia dar um salto qualitativo na minha vida», diz. Por isso, aos 28 anos, iniciou o curso de Sociologia no ISCTE. Actualmente, está a terminar um mestrado sobre os projectos de vida dos excluídos das empresas, dos desempregados que ainda são demasiado novos para se reformarem e já são demasiado velhos para começarem uma vida profissional nova.

Escolhendo este caminho, tornou-se numa excepção em relação aos seus colegas de infância e adolescência: «Quando vou a Alhandra (os meus pais ainda vivem lá), encontro os indivíduos da minha geração que não saíram dali: têm vidas completamente rotineiras, estão desempregados, alguns são toxicodependentes, outros estão divorciados e bebem demais... São vidas que me entristecem bastante. Vejo pessoas que cresceram comigo e que não têm quaisquer objectivos na vida.»

Em Alverca, João Santos Lopes passa muito pouco tempo em casa. Como, aliás, sempre aconteceu: «Gosto de sair, de estar perto das pessoas, de contactar com elas.» Foi essa curiosidade que o levou, por um lado, a estudar Sociologia e, por outro, a enveredar pelo teatro realista, na sua obra de estreia.

Ligado a um grupo amador de teatro de Alhandra apenas tinha tido a experiência

de adaptar textos (como *Os Dados Estão Lançados*, de Sartre) para serem representados e durante muitos anos nem sequer sonhou em tornar-se autor das suas próprias peças. «Não tenho qualquer formação nessa área, nunca tive aulas nem

aprendi qualquer técnica de escrita.» Para explicar esse talento conclui: «É pura intuição.» E admite que, se naquele dia não tivesse aberto o jornal, o mais certo era nunca ter escrito *Às Vezes Neva em Abril...* ■